

# V ENALLI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



### **SELEÇÕES DO READER'S DIGEST: LEITORES, LEITURAS E IDENTIDADES**

Sandra Monteiro Lemos<sup>1</sup> (PPGEdu/UFRGS)

#### **RESUMO**

A partir do referencial teórico dos Estudos Culturais, articulados aos estudos sobre leitura, é que se propõe este trabalho, recorte de uma pesquisa mais ampla, que se utiliza da entrevista de doze leitores da revista de origem editorial norte-americana *Seleções do Reader's Digest*, como objeto empírico. O estudo investiga a *leitura enquanto experiência cotidiana*, compreendendo *experiência cotidiana de leitura* como aquela que se efetua com regularidade, estando imersa nas suas várias dimensões e implicada no social, no cultural, no político e no econômico. Os dados coletados através da transcrição das entrevistas dessa pesquisa possibilitaram sua circunscrição em histórias pessoais, que ajustadas à sua dimensão singular são reconhecidas como *histórias de leitura* (CHARTIER, 1999). A análise de tais dados permitiu mapear algumas das relações que podem ser feitas entre comportamentos, situações, ambientes e materiais de leitura que envolveram seu processo de formação como sujeito leitor, permitindo categorizar algumas das *identidades leitoras*. Tais categorias auxiliaram a problematizar as questões de hábito de leitura, modelos de leitor e sobre o ensino da leitura. As análises conduziram a entendimentos sobre o deslocamento de certas práticas de leitura para outra dimensão. Agora, não mais, a do universo da “alta cultura” como nos estudos de Fraise et alii (1997), mas sim para o universo da *cultura de massa* que adentrou nas dimensões do social.

**Palavras-chave:** Leitura. Leitores. *Revista Seleções*. Estudos Culturais.

#### **1 INTRODUZINDO O ASSUNTO**

Ao pensarmos na/sobre a leitura, emerge uma infinidade de possibilidades, inclusive a[s] leitura[s] que pode[m] ser feita[s] dos elementos que a envolvem, quais sejam: leitor, material de leitura, editor, autor, assuntos, funções da leitura, etc. Penso sobre o quanto a

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Mestre em Educação e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é professora do curso de Pedagogia no CESUCA – Faculdade Inedi, Cachoeirinha.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



leitura pode “fazer por nós”: entreter-nos, contribuir com nossa formação, modificar nossa maneira de pensar sobre as coisas, mexer com a nossa sensibilidade (fazer-nos rir, chorar, ter medo, raiva, indignação). O que “fazemos com nossa leitura”? Transformamo-nos em leitores, escritores, consumidores, “intelectuais”, aprendemos jeitos de ser – mulher, homem, criança, adolescente, cidadão, etc. Em síntese, penso sobre o quanto a leitura nos subjetiva... E, como tal, não posso esquecer de pensar sobre o quanto a leitura está imersa em um mercado econômico ao sabor de variados interesses, uma vez que a indústria e o comércio editoriais estão sempre na ativa. Enfim, o quanto tudo isso está envolto por discursos que produzem, articulam, transformam, criam, inventam...

É a partir dessas reflexões que situo o presente trabalho, parte integrante de uma pesquisa mais ampla<sup>2</sup>, que busca investigar a leitura enquanto experiência cotidiana, compreendendo *experiência cotidiana de leitura* como aquela que se efetua com regularidade, estando imersa nas suas várias dimensões e implicada no social, no cultural, no político e no econômico. Ao tomar como objeto empírico uma revista de expressiva circulação nacional no Brasil – a revista de origem norte americana *Seleções do Reader's Digest*.<sup>3</sup> – entrevisto doze pessoas que consideram terem sido em algum período da sua vida, passado ou atual, leitores assíduos da referida revista. Essas pessoas, consideradas como sendo “comuns”, são sujeitos que podem ser caracterizados como um *herói comum*, *personagem disseminada*. *Caminhante inumerável*. *Invocando, no limiar de meus relatos, o ausente que lhes dá principio e necessidade, interrogo-me [interroga-se] sobre o desejo cujo objeto impossível ele representa* (CERTEAU, 1994, p. 57). Ora são pessoas que estudaram muito, ora pessoas com pouca escolaridade; ora são profissionais atuantes na sociedade, ora são ou donas de casa, ou já estão aposentadas; ora são indivíduos que construíram uma

---

<sup>2</sup> Tese de Doutorado defendida em 2013, na área da Educação.

<sup>3</sup> Julgo importante destacar que a revista *Seleções* se mantém no Brasil desde 1942 e teve nas décadas de 50 e 60 uma repercussão estrondosa. Sobre os números da revista, um fato curioso é que, segundo o Instituto Verificador de Circulação – IVC, a revista *Seleções do Reader's Digest*, em 2012, cerca de 70 anos após sua entrada no Brasil, ainda ocupa posição de destaque entre as revistas mensais mais vendidas, possuindo uma média de 317.647 exemplares em circulação, sendo que, destes, 91% são de assinantes (Fonte: IVC - Média jan. a mai. 2012. Disponível em: [http://mais.selecoes.com.br/publicidade\\_circulacao\\_da\\_revista.asp](http://mais.selecoes.com.br/publicidade_circulacao_da_revista.asp) Acesso em 20/08/2012.

# V ENALLI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



família, ora se trata de celibatários; enfim, trata-se de pessoas comuns que não são reconhecidas como famosas ou de especial projeção social.

As narrativas produzidas através das entrevistas dessa pesquisa possibilitaram sua circunscrição em histórias pessoais, que ajustadas à sua dimensão singular são reconhecidas como *histórias de leitura*.

## 2 SOBRE OS CONSTRUTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O aporte teórico-metodológico da pesquisa situa-se no campo dos Estudos Culturais em Educação, articulados aos estudos sobre leitura e leitores. Mais do que um movimento acadêmico e/ou teórico, os Estudos Culturais estão interessados na articulação com diferentes movimentos sociais e culturais, repolitizando o engajamento e a luta política. *Os Estudos Culturais permitem que estas questões [da teoria e da política] se irrite, se perturbem e se incomodem reciprocamente, sem insistir numa clausura teórica final* (HALL, 2003: p.213).

Autores como Canclini (1989; 2004), Hall (1997; 2003), Jameson (1996), Costa (2000; 2001; 2002), dentre outros, nos mostram como vivemos sob a centralidade da cultura, e como tal dimensão modifica radicalmente nossa relação com as coisas e os artefatos culturais. Há neles, certa insistência em chamar nossa atenção para a centralidade de tais artefatos e sua implicação nos modos de vida nas sociedades da segunda metade do século XX. Fredric Jameson (1996) afirma que a lógica desse tardio estágio do capitalismo que vivemos hoje é "cultural".

Ao utilizar a entrevista para coleta de dados para essa pesquisa, me inspiro em autores como Silveira (2007), Arfuch (1995) e Larrosa (1994) por entender que a entrevista seja um modo interessante e produtivo de construir dados. Ao proceder a sua análise é necessário, entretanto, atentar para o caráter crucial que tem a narrativa na invenção e na construção identitária. Localizando a entrevista como um gênero discursivo, Silveira (2007) e

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Arfuch (1995), inspiradas em Bakhtin, salientam seu caráter “dialógico”, já que, conforme as autoras, a concepção de todo e qualquer enunciado é radicalmente marcado pela suposta existência “concreta” de um interlocutor e de um destinatário.

Com base em tais estudos, entendo as entrevistas como *eventos discursivos complexos*, pois, conforme propõe Silveira (2007), além de serem forjados na dupla entrevistador/entrevistado, *também os são pelas imagens, representações, expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, da sua escrita e análise* (SILVEIRA, 2007, p. 118).

Tal aporte me permite entender as entrevistas como narrativas e ao examiná-las na perspectiva da análise do discurso numa perspectiva crítica<sup>4</sup>, objetivei mapear, problematizar e discutir alguns dos discursos que emergiram das falas de alguns leitores entrevistados. Dessa forma busquei entender as possíveis leituras que os leitores fazem/fizeram da revista *Seleções do Reader's Digest* e a maneira como as narram.

Sobre representação, considero o entendimento de Hall (1997, p.25) para quem *nem as coisas por si próprias nem os usuários da linguagem podem fixar sentido na linguagem. Coisas não significam: nós construímos sentido usando sistemas de representação – conceitos e signos*. As representações não são fixas e nem suas transformações correspondem a uma maior ou menor aproximação do correto, do verdadeiro ou do melhor.

Ao entrevistar os leitores da revista, algumas questões básicas foram utilizadas como roteiro de perguntas: que lembranças tinham da revista? Como viam o papel que a revista teve em suas vidas? Que função atribuíam àquela leitura? Por que alguns leitores faziam/fazem questão de colecioná-la? Quais suas preferências em relação à escolha do ambiente e período do dia para a realização da leitura da revista? Era uma leitura compartilhada e discutida ou tinha um cunho mais individual? Que formas de leitura eram utilizadas – preferiam-se seções, fazia-se uma leitura aleatória de materiais ou integral do volume?

---

<sup>4</sup> A análise do discurso numa perspectiva crítica é uma abordagem contemporânea do estudo da linguagem e dos discursos nas instituições sociais. Fazendo uso da teoria pós-estruturalista do discurso e da linguística crítica, tem por foco o modo como as relações sociais, a identidade, o conhecimento e o poder são construídos por meio de textos falados e escritos nas comunidades. (LUKE, 2000, p.92).

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



A análise das narrativas dos sujeitos dessa pesquisa – Alda (79 anos), Amélia (74 anos), Antônio (77 anos), Doroti (77 anos), Irene (66 anos), José (74 anos), Karla (38 anos), Luciano (65 anos), Márcia (48 anos), Mariana (68 anos), Marilene (68 anos) e Vanda (69 anos) permitiu mapear algumas das relações que podem ser feitas entre comportamentos, situações, atitudes, ambientes e materiais de leitura que envolveram seu processo de formação como sujeito leitor. As *identidades leitoras*, garimpadas através dessa análise têm, assim, sua singularidade, pois se referem a sujeitos pertencentes a diferentes universos, sejam eles culturais, sociais e/ou econômicos.

### 3 SOBRE OS “ACHADOS”: AS “IDENTIDADES LEITORAS”

O relato sobre o contato com *Seleções* e as leituras que eram feitas por seus leitores, possibilitou, dentre outras caracterizações, a emergência de algumas *identidades leitoras* nomeadas como *leitor iniciado*, *leitor “apaixonado”*, *leitor que transforma seu horizonte*, *leitor encantado e crítico*, as quais passo a apresentar.

### 4 O LEITOR INICIADO

Há, entre os entrevistados, leitores que relatam ter iniciado sua aprendizagem como sujeitos leitores já na infância, pelo incentivo à leitura, seja através de exemplos e/ou através do contato farto com materiais de leitura e oportunidades que se abriram. Nas narrativas apresentadas, leio que alguns dos entrevistados desenvolveram muito cedo o gosto pela leitura, dentre os quais estão aqueles que tiveram o exemplo de pais, irmãos e tios.

Em um perfil diferente, talvez por sua juventude, se comparada com as idades dos demais entrevistados, localizo a *identidade leitora* de Karla que vivenciou na infância a

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



mediação, no acesso a narrativas da indústria cultural. Conforme leio na sua narativa, no seu tempo de criança – quando ainda não sabia ler, escutava historinhas, porém quem desempenhava a função de “contador” era a “vitrolinha”, que vinha com discos de vinil. Não há como negar, como no caso de Karla, que as condições econômicas favorecem, em alguns casos, o provimento de material estimulante para leitura, aquisição de livros, revistas, dentre outros materiais.

Aliar boas condições econômicas a boas condições culturais<sup>5</sup>, como no caso de Vanda, representa uma possibilidade propiciadora à desenvoltura para um determinado tipo de identidade, que chamo uma identidade leitora “certificada”. Vanda já publicou os seguintes livros: *Deliciosa Herança*, sobre a colonização germânica em Petrópolis/RJ, *Cartas para Mariana*, um romance epistolar sobre a juventude dos anos sessenta e *Dona Cotinha e os segredos da caixa de costura*, livro em que narra o dia a dia das interações estruturadas no meio familiar e nas relações amorosas de várias mulheres.

Inspirada em Fraisse *et alii* (1997) identifico em Vanda, algumas nuances de aproximação a uma identidade leitora “certificada”, conforme nos propõem os autores, fazendo uma ressalva, entretanto, em relação às referências desses autores, pois seu estudo faz menção a autores de prestígio incontestado. Ao proceder às análises sobre as escritas biográficas de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, François Mauriac, Michel Ragon e outros, Fraisse *et alii* (1997) relacionam-nos ao que seria uma conclusão do processo de aprendizagem de representação de leitura que conduziria o leitor, por consequência, à *certificação* dessa trajetória.

Para eles, a passagem para a escrita seria identificada como sendo uma *nova relação com o livro*, após o processo que ocorre de aprendizagem da leitura. Foi considerando, especialmente, tais aspectos que localizei o caso de Vanda.

---

<sup>5</sup> Além do capital cultural herdado da família, Vanda conviveu em um ambiente social de alta valorização cultural, conforme se pôde ler na sua narrativa.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



### 4 O LEITOR “APAIXONADO”

Dos doze entrevistados dessa pesquisa, cinco deles – Doroti (afirma ser apaixonada por leitura), José (para ele, ler além de ser apaixonante, seria também uma das formas de “apreender”), Irene (por considerar-se apaixonada por leitura, seria uma “leitora voraz”), Márcia (afirma que “ama ler”) e Marilene (informa que teria aprendido com seu irmão o amor pela leitura), adjetivaram-se, de alguma forma, como “apaixonados” por leitura.

Alguns foram além, como Márcia, Vanda e Marilene, afirmando reconhecerem a leitura como algo intrínseco, próprio, sendo que não se imaginariam vivendo sem ela. Poderíamos perguntar, então, de onde é que viria essa “paixão” pela leitura.

Karla direciona a sua resposta ao meu questionamento sobre o que pensa acerca da leitura. Ela assume gostar de ler, embora reconheça que ainda esteja buscando ampliar esse hábito. Comenta ela: *Eu invejo as pessoas que consomem aqueles livros... Aí elas vem: ah! Eu li o “Promessas”, ah tu já leu tal? Por exemplo... Eu não tenho nem o domínio de autores nacionais, internacionais...* (Karla)

O que destaco no enunciado de Karla – além de não se reconhecer como uma “leitora apaixonada”, como alguns entrevistados citados nos parágrafos anteriores –, é seu entendimento sobre o que considera como sendo “boa” leitura. Para ela uma “boa” leitura seria a literatura escrita por autores (re)conhecidos e títulos que estariam no topo das listas dos “dez mais”. Ou seja, para Karla, um “bom” leitor que “domine” títulos e autores, tem uma posição diferenciada em relação àquele sujeito que não tenha tal domínio, como no seu caso. Seu relato, muito provavelmente, estaria atrelado a discursos que reiteram a autoridade da tradição, vinculando atitudes “culturais e ideológicas”, conforme nos explica Petrucci (1999). Para o autor, a listagem de obras aconselhadas, *muitas vezes reafirmadas por catálogos, revistas, enfim, todo um aparato normativo e pedagógico que os agentes do livro (autores, editores e funcionários editoriais, “intelectocratas”, jornalistas, bibliotecários, etc.)* derrama sobre o leitor real ou potencial um determinado ideal, considerando que

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



aquele se quer formado no uso de uma cultura escrita que se quer, antes de mais nada, vendável e, além disso, substancialmente homogênea. (PETRUCCI, 1999, p.208)

Por outro lado, o fato de alguns entrevistados pertencerem à família com poucas ou medianas condições econômicas não impediu que se transformassem em “leitores apaixonados” ou “leitores inveterados”; como no caso de Alda, Doroti, Irene, Luciano, Mariana, Márcia e Marilene, os quais descobriram que havia espaços próprios que forneciam material para suprir seu desejo por leitura: a biblioteca. Alguns conheceram a biblioteca por falta de opção de lazer em dadas circunstâncias, como no caso de Luciano e Mariana, que, por serem alunos internos em suas escolas, não tinham onde ir no final de semana. Lembro que a entrevistada Mariana refere à biblioteca, também, como um local de trabalho, pois nela precisou trabalhar no momento em que a bolsa de estudos que a mantinha na escola foi suspensa. Para outros, ainda, a descoberta de um lugar como a biblioteca se deu pelo simples fato de ali encontrarem um lugar capaz de saciar sua “voracidade” leitora.

Desse modo, para esses entrevistados, a biblioteca se transformaria em agente de *leitura pública* como aparece nos estudos de Chartier e Hébrard (1995).

No século XIX, conforme estudos de cem anos de leitura na França – 1880 a 1980, Chartier e Hébrard (1995) identificam discursos que aparentemente defendiam posições contrárias em relação à leitura, mas que progressivamente constituir-se-ão em um discurso unificado, onde a leitura passaria a ter valor universal. No capítulo que dedicam à *leitura pública*, mostram a trajetória de aspectos circunscritos à leitura – no espaço das bibliotecas, especificamente, em relação aos “novos públicos” e aos “novos” locais que estariam surgindo. Aos “novos” públicos, representados por sua multiplicidade identitária (adolescentes, crianças, imigrantes, iletrados, desempregados) somar-se-iam os idosos e os “deficientes”. Paralelamente, o papel da bibliotecária também passaria a ser diferenciado, pois ela não estaria mais na sua biblioteca: *visita o hospital, a prisão, a empresa, o ‘bairro do habitat social’* (CHARTIER; HEBRARD, 1995, p.234). Com isso, Chartier e Hébrard (ibidem) argumentam em favor da *leitura pública*, estando não apenas reduzidos ao espaço da biblioteca, mas também como uma atividade cultural possível para todos, em diferentes

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



espaços: *lugares onde há vida, trânsito, trabalho, lazer podem tornar-se locais de depósito e empréstimo de livros (CHARTIER; HEBRARD, 1995, p.234)*. Nesse sentido, é que se poderia pensar em uma dimensão social da formação de leitores, a biblioteca – extraescolar ou não – significaria um dos pontos de encontro entre comunidade e leitura.

Se, por um lado, Karla reconhece que precisa desenvolver ainda mais suas atividades como leitora – lendo mais, conhecendo mais autores e títulos – Antônio não demonstra nenhuma preocupação com isso. A espontaneidade e, talvez, a sinceridade de Antônio, diante de uma entrevistadora que busca saber informações sobre leitura, chama atenção. Não fez rodeios para dizer que não gostava muito de ler, alegando sentir sono. Por isso preferia palavras cruzadas e a internet, que ainda está descobrindo e aprendendo a usar.

Alda, Amélia e Mariana afirmam que há tempos atrás se consideravam leitoras mais constantes e assíduas, porém, atualmente, alegam ter outras preferências, dentre essas: o cinema, no caso da primeira, os filmes que passam na televisão, no caso da segunda, e o telejornal e as palavras cruzadas no caso da terceira.

### 5 O LEITOR QUE TRANSFORMA SEU HORIZONTE

Outras *identidades leitoras* podem ser identificadas, também, naqueles provenientes de famílias com pouca ou nenhuma escolaridade, ou seja, famílias sem “capital cultural”. Essa situação, em especial, é narrada por quatro dos entrevistados: Antônio, Amélia, José e Márcia, o que me permitiu algumas considerações.

Tenho como pressuposto que não se pode fazer uma relação direta entre a baixa escolaridade dos pais dos entrevistados e o tipo de leitor em que se constituíram. Esses entrevistados nos mostram, através de sua narrativa, a desenvoltura para transpor os obstáculos que enfrentaram: no trabalho, na criação dos filhos, no seu próprio aperfeiçoamento enquanto leitores, e enquanto escritores – como no caso de José, enfim,

# V ENALLI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



na busca por saberes que vêm permeando sua existência. Todos eles, de alguma forma, vêm fazendo uso da leitura ao seu modo.

Busco inspiração em Fraise *et alli* (1997), para entender um pouco mais esse processo de um possível deslocamento – como esses vividos pelos entrevistados citados nos parágrafos anteriores – que incorporam outras práticas culturais, diferentes daquelas que constituíam o ambiente onde cresceram. Conforme o autor, tal deslocamento só será possibilitado pela mudança de horizonte, onde haverá rupturas e desconstruções. Nas palavras do autor:

Se ler verdadeiramente é poder ler algo que ainda não conhecemos, aqueles que não nasceram no mundo dos livros terão necessidade de nada menos que uma reestruturação de seu horizonte cultural de referência para aí chegar. (FRAISSE et alii, 1997, p. 15).

Penso que o excerto selecionado da narrativa de José permite visualizar a mudança pela qual teria passado – de analfabeto e desescolarizado (pois alegou nunca ter frequentado escola) para um sujeito que se considera “versado em letras” por conta do seu “talento” – e as consequências desse processo de reestruturação. Vejamos.

*Minha mãe ganhou 14 filhos e criou 12. A minha família não me procura e quando eu vou procurá-los, eles simplesmente me suportam. Eles só me suportam. Eles me recebem e tudo, mas eu sei que eu não sou querido. E é tudo por essa coisa de livro e tal. Eles acham que eu sou esnobe. (José)*

José encontrou muitos “pares” na sua trajetória de vida, os quais fizeram intervenções pontuais na sua maneira, gostos e escolhas de leitura e até no aprendizado da escrita, a que também declara estar se dedicando ultimamente. Foram as intervenções de seus “pares” que o auxiliaram nesse processo de reestruturação de horizonte. Assim, desde os doze anos, José relata ter encontrado pessoas que o conduziam por caminhos onde a leitura, o estudo e o aprendizado tiveram presença constante.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



### 6 O LEITOR ENCANTADO E O CRÍTICO

Outros perfis identitários emergem da leitura das narrativas dos entrevistados. Entre os comentários elogiosos a *Seleções*, alguns entrevistados, em tom confessional, referem apreciar a revista justamente por ser uma produção de origem norte americana e pelo apreço que nutriam por aquele país. Essa foi uma situação peculiar marcada nas narrativas de Antônio e na de Mariana, que reiteraram sua admiração pelos Estados Unidos. Antônio refere a convicção de que “o povo americano era perfeito em tudo o que fazia”. Mariana conta que ela e o esposo gostavam tanto daquele país, que um dia decidiram se mudar para lá, sendo que ela voltou para o Brasil e ele permanece lá até hoje, entre idas e vindas, por mais de 20 anos. Ou seja, a crítica que, por vezes, alguns analistas faziam a *Seleções* por enaltecer o *american way of life*, parece justamente ser fortalecida por tais episódios. Alguns até se aproximaram de *Seleções* especificamente por esse motivo, conforme comentado.

O relato de Alda ilustra algumas das críticas que *Seleções* recebia em relação à sua estreita vinculação com intuítos doutrinários, já na década de 1950, críticas essas, aliás, reiteradas por Scherer Junior (2004), que, ao investigar as matérias publicitárias veiculadas na revista entre 1942 e 1945, concluiu que a difusão da ideologia norte americana seria um empreendimento planejado e executado com o fito de cooptar os “corações e mentes” da sociedade brasileira da época da Segunda Guerra Mundial, ou seja, seriam estratégias para “americanizar” os brasileiros.

Por outro lado, uma leitura crítica e desapaixonada de *Seleções* nos é apresentada por Vanda, que embora se debruce sobre um artefato lido há décadas atrás, pontua aspectos que corroboram a opinião dos estudiosos da revista. Assim ela nos explica:

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



*Os artigos da revista traziam hábitos e assuntos tipicamente americanos. Acredito que não tínhamos, como adolescente que éramos, consciência do quanto ou do que estávamos absorvendo. Havia muita correspondência nos valores morais, cristãos, mas havia também modismos e apreço por heróis americanos que não eram os nossos. Aprendi a história de Daniel Boone antes de saber a de Tiradentes. Na década de 50, principalmente, a revista trazia ainda muitos artigos sobre a participação americana na guerra, exaltando seus heróis militares. (Vanda)*

Penso que a crítica de Vanda esteja subsidiada, dentre outros fatores, na sua formação cultural. O fato de desenvolver atividades profissionais ligadas à cultura – há um bom tempo, e de ser uma estudiosa da área, talvez tenha lhe facilitado a construção dos elementos analíticos que a levaram às conclusões apresentadas.

Vejamos outra análise. Agora feita por José, que é leitor assíduo de obras clássicas da literatura. Ao tecer críticas a *Seleções* atuais, sobretudo as publicadas a partir de 2000, José destaca que as mais antigas eram muito mais interessantes, pois traziam algumas leituras mais consistentes de livros que estavam por ser lançados, ou que já haviam sido lançados. Considerava que nessas edições antigas, havia histórias ricas, com enredos envolventes e bem escritos. Na sua opinião, a *Seleções* atual é muito jornalística com assuntos que normalmente estão “pipocando” em muitas outras mídias. Ou seja, ela apresentaria o que poderia ser encontrado em muitas outras revistas, ao contrário das antigas, em que os assuntos eram diferenciados. O grande interesse que o aproxima de *Seleções*, hoje, está na possibilidade de comercializá-la, como dono de sebo, pois há sempre leitores que procuram as edições mais antigas.

Doroti, embora assinante atual da revista, comenta sobre não ter tanto interesse pelas temáticas abordadas atualmente. Aproximo sua crítica à de José sobre o caráter mais jornalístico das *Seleções* atuais. Vejamos sua argumentação.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



*Mas hoje, reconheço que eu não tenho tanto interesse na Seleções. Acho que é pelos temas que eles abordam. Os artigos, o tipo de matérias, eu não sei se eu sou antiga, não é que eu não aceite mudança não... Eu gosto bastante de acompanhar e compreendo que tudo muda, mas... Assim oh... nas revistas antigas eles não falavam em saúde assustando a gente. Hoje só fazem alertas: “tu não pode comer isto, tu não pode comer aquilo...”. Olha essa manchete aqui: “corantes: você sabe o que está comendo?”(Seleções, abril de 2012). Assim... tu não pode comer isto por causa da pressão, tu não pode comer aquilo por causa do colesterol... É um imposição!(Doroti)*

A referência de Doroti ao modo como os cuidados com a saúde estariam sendo diferenciadamente expostos na contemporaneidade, em comparação com épocas atrás, denota, de certo modo, aspectos envolvendo a política da vida. Ou, sob inspiração *foucaultiana* poderíamos dizer que a narrativa de Doroti alude aspectos referentes à biopolítica e ao bio-poder. Pois, conforme os estudos de Foucault (2008), é a partir da transformação dos mecanismos de poder que o direito à vida passa a ser imposto. Assim, seria preciso investir na vida e isso se fará através dos corpos dos indivíduos, os quais serão os novos alvos do poder que se exercerá em duas direções complementares: a do corpo máquina e a do corpo espécie. Conforme o autor seria preciso adestrar os corpos, torná-los dóceis e úteis mas, ao mesmo tempo, garantir sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos. No entanto, o poder necessitaria também exercer-se num outro âmbito, mais amplo, sobre o corpo enquanto suporte de processos biológicos. Para tanto, é necessário garantir a vida, a saúde e a proliferação da espécie, estabelecendo-se intervenções e controles para regular tais processos, e as condições para fazê-los variar: *as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida* ou seja: o bio-poder. (FOUCAULT, 2008, p.131). Assim, o cuidado de si através da imposição de normatividades, como referido por Doroti, exemplificaria tais discussões.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



A crítica sensível e perspicaz em relação aos conteúdos atuais, sua clareza em relação às modificações operadas pelo tempo e o destaque pontual por sua preferência de leitura – as *histórias interessantes* que *Seleções* abordava – traçam o perfil de uma boa leitora.

Dos doze entrevistados que participaram desse estudo, apenas duas continuam sendo assinantes da revista: Márcia e Doroti. As justificativas para o abandono da leitura da revista são das mais variadas: interesse por outras leituras; outras revistas; jornais impressos; interesse por leituras mais consistentes em livros; entendimento de que as revistas atuais já não são mais tão interessantes como as antigas; interesse por outras mídias: cinema, televisão, filmes em vídeo e internet.

### 7 ENCAMINHANDO O FECHAMENTO NECESSÁRIO

Ao discorrer sobre os perfis, brevemente descritos, nesse estudo, argumento inspirada em Rose (2001) que cada *identidade leitora* foi sendo constituída ao seu modo, subjetivada pelas forças, práticas e relações que a transformaram – ou operaram para transformá-la – em várias formas de assumir as identidades de um sujeito leitor.

Destaco também, que as análises relacionadas à leitura que os leitores faziam de *Seleções do Reader's Digest*, permitiram a emergência de pelo menos três pontos que podem ser destacados, quais sejam, o prazer que a leitura provoca, o aprendizado da/com a leitura e a leitura como um “lugar” de memória possibilitando a produção de *histórias de leitura*. Com isso penso ter conseguido pincelar, de forma sigular, nesse estudo, algumas das dimensões dos muitos “mundos” da leitura. Um mundo de possibilidades, de interpretações, de significados.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



### REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *La entrevista, una invención dialógica*. Barcelona: Paidós, 1995.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos investigativos: novos olhares para a pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002.
- CHARTIER, A.M.; HÉBRARD, J. *Discursos sobre a leitura-1880-1980*. trad. O. Biato e S. Bath. S.P: Ática, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRAISSE, Emmanuel; POMPOUGNAC, Jean-Claude ; POULAIN, Martine. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo : Ed. Ática, 1997.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez.1997.
- \_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. Àtica, 1996.
- LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- \_\_\_\_\_. Tecnologias do eu e a educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.
- LUKE, Alan. Análise do Discurso numa perspectiva Crítica. In: HIPÓLITO, Álvaro Moreira & GANDIN, Luís Armando (org.). *Educação em tempos de incertezas – BH*, 2000.
- PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental 2*. São Paulo: Ática, 1999.
- PEREIRA, Silvio Luiz Gonçalves. *Seleções do Reader's Digest, 1954-1964: um mapa da intolerância política*. Tese de Doutorado. São Paulo. Universidade de São Paulo. 2006.
- ROSE, Nikolas. "Governando a alma: a formação do eu privado". In: Silva, Tomas Tadeu da (org.). *Liberdades reguladas*. Petrópolis: Vozes, 2001 p.30-45.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



SCHERER, Charles Junior. *A Revista Selecciones del Reader's Digest e a constituição da imagem dos estereótipos do american way of life: 1940/1950*. Tese de Doutorado. Porto Alegre. PUCRS, 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, M. V. *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 117-138.